

Educação em saúde: percepção dos professores de uma escola de educação básica

Health education: perception of teachers of a basic education school

Joelio Dias Perdomo Junior

Universidade Federal de Santa Maria
joeliod@hotmail.com

Félix Alexandre Antunes Soares

Universidade Federal de Santa Maria
felix@ufsm.br

Resumo

O presente estudo tem como objetivo analisar as percepções dos professores de uma escola pública do município de Santa Maria/RS sobre a Educação em Saúde. Tal estudo caracteriza-se como uma pesquisa descritiva e o recurso metodológico utilizado para o seu desenvolvimento foi a análise de conteúdo. Após a análise dos dados, identificamos que metade dos participantes compreendem a saúde relacionada aos aspectos biopsicológicos. Quanto às atividades ligadas à saúde, em suas áreas de ensino, 66,7% dos docentes afirmam que as desenvolvem. Já as ações em saúde são praticadas por 50% dos docentes. Os participantes, de modo unânime, também afirmam que nunca receberam formação específica direcionada à temática em questão. Desse modo, constatamos que compreender as percepções dos professores é fundamental para pensarmos em estratégias para qualificar a inserção da Educação em Saúde, no espaço escolar, de maneira significativa e reflexiva.

Palavras chave: percepções, professores, saúde.

Abstract

The present study aims to analyze the perceptions of teachers on the health, in public school in the county of Santa Maria/RS. This study is characterized descriptive research and the methodological resource used for its development was the content analysis. After analyzing the data, we identified that half of the participants understand health related to biopsychological aspects. As for the development of activities related to health, in their teaching areas, 66.7% of the teachers say they do. Health actions are practiced by 50% of the teachers. The participants unanimously stated that they never received specific training directed to the theme in question.

Understanding the teachers perceptions is fundamental, in order to think about strategies to qualify the insertion of health education, in the school space, in a significant and reflective.

Key words: perceptions, teachers, health.

Introdução

Neste trabalho buscamos compreender qual é a percepção dos professores de uma escola do município de Santa Maria/RS sobre a Educação em Saúde (ES). Este estudo é motivado pelos constantes questionamentos, dúvidas, curiosidades e relatos, que ocorrem em sala de aula, associados à temática. Tendo isso em vista, em certos casos, o professor não possui conhecimentos necessários para sanar as inquietações latentes na sala de aula. Por vezes, alguns profissionais acabam ignorando as interpelações sobre ES advindas dos estudantes, por não se sentirem aptos a respondê-las ou mesmo desconfortáveis diante de determinadas questões. Para Mont'alverne e Catrib (2013), os assuntos relacionados à saúde no contexto escolar estão apoiados no professor, o qual representa um elo importante e essencial neste contexto, pela multiplicação de ideias, e, para tal, precisa estar capacitado tanto no que diz respeito à abordagem dos conceitos de saúde quanto às estratégias educativas necessárias para a construção do conhecimento acerca da temática.

Cardoso et al. (2008) apontam que o professor torna-se referência para os estudantes, podendo estimular a compreensão e a adoção de hábitos saudáveis. Para além disso, o professor deve conduzir o estudante a sua autonomia. Segundo Freire (2011), a autonomia do estudante é construída ao longo do trabalho docente quando o professor oferece oportunidades ao estudante de tomar decisões. A ES, como processo político-pedagógico, requer o desenvolvimento de um pensar crítico e reflexivo, permitindo desvelar a realidade e propor ações transformadoras que desenvolvam no indivíduo a sua autonomia e emancipação como sujeito histórico e social, capaz de propor e opinar sobre as decisões de saúde para cuidar de si, de sua família e de sua coletividade (MACHADO et al., 2007).

A partir do exposto, faz-se necessário compreender como os profissionais de educação percebem as questões de saúde no espaço escolar, partindo do entendimento de que são eles os agentes responsáveis por corporificar o que está sistematizado no currículo. Essa iniciativa torna possível analisar como a saúde vem sendo incorporada à prática pedagógica e permite-nos questionar: Sob qual viés a saúde é abordada, compreendida, inserida?; As escolas vêm desenvolvendo ações junto aos estudantes ou criando espaços para debates em prol da saúde?; Os professores incluem a temática da saúde nas suas práticas em sala de aula? Consideramos que direcionar o olhar para o processo de ensino-aprendizagem em questões ligadas à ES no ambiente escolar é importante para pensarmos em estratégias e ações para qualificar as práticas educativas.

Em um contexto em que a sociedade caracteriza-se por ser constantemente pensada e transformada, tendo o estudante como sujeito ativo na transformação da realidade em que está inserido, é necessário adaptar o processo educativo à capacidade de estímulo à reflexão e à curiosidade para que, assim, ele possa ser capaz de apreender novos conhecimentos, questioná-los e, até mesmo, recriá-los (FREIRE, 2011). Assim, o processo de ensino-aprendizagem torna-se um grande desafio, principalmente quanto ao ensino da ES. Nesse cenário, o professor

precisa estar ciente dos objetivos que pautam as ações da ES ao planejar suas práticas em sala de aula.

De acordo com Maciel (2009) as ações educativas em saúde passam a ser definidas como um processo que objetiva capacitar indivíduos ou grupos para contribuir na melhoria das condições de vida e de saúde da população. Essas ações devem, ainda, estimular a reflexão crítica das causas dos seus problemas, bem como das ações necessárias para sua resolução. A promoção da saúde, a reflexão e a criticidade são aspectos essenciais às ações de ES. A Educação em Saúde pode contribuir na formação de consciência crítica do educando, culminando na aquisição de práticas que visem à promoção de sua própria saúde e da comunidade na qual está inserido (COSTA, 2012). A escola, nesta perspectiva, não deve apenas prezar pelo ensino dos conteúdos curriculares, mas também pela formação de cidadãos conscientes e ativos (LEITE; FEITOSA, 2011).

Metodologia

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa descritiva. Os dados aqui apresentados são parte de uma pesquisa mais ampla. O mesmo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, conforme CAAE: 56837122.1.0000.5346. A metodologia adotada está baseada na Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2016), que compreende as etapas de pré-análise, exploração do material, definição das categorias e interpretação dos apontamentos.

Os participantes desta pesquisa são professores de uma escola da rede municipal de ensino de Santa Maria/RS. A escola está localizada numa região periférica (zona sul) do município, apresentando o índice de desenvolvimento da educação básica de 5,9 (INEP, 2021). A clientela da escola é composta por estudantes de média e baixa renda. Parte das famílias sobrevivem por meio da reciclagem de resíduos e habitam em locais irregulares (invasões), muitas vezes, sem acesso a serviços básicos (coleta de esgoto, energia elétrica e disponibilidade de água). A escola é considerada como referência na comunidade e possui, atualmente, 311 estudantes matriculados e 22 docentes em seu quadro, dos quais 8 são professores dos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano), correspondendo ao foco do presente estudo.

Os professores foram convidados a responder um questionário on-line, cujo o objetivo foi o de analisar a percepção dos mesmos sobre a ES. O questionário foi compartilhado, por meio do WhatsApp®, e eles tiveram os meses de junho e julho de 2022 para respondê-lo. As primeiras questões versavam sobre o perfil e a atuação profissional, como seguem: I) Gênero; II) Idade; III) Formação; IV) Detentor de curso de Pós-graduação/Nível do curso (especialização/mestrado/doutorado); V) Tempo de atuação no magistério; VI) Carga horária de trabalho semanal; VII) Quantidade de escolas que trabalham; VIII) Quais etapas/modalidades de ensino atuam. As outras questões eram relacionadas à temática saúde: 1) Para você, o que é saúde?; 2) Você lembra de já ter desenvolvido alguma atividade sobre saúde na escola?; 3) Na(s) escola(s) que você trabalha, atualmente, tem algum programa/projeto/atividade ou outro tipo de ação que esteja sendo desenvolvido referente à “saúde”?; 4) Você já participou de alguma formação para trabalhar questões relacionadas à saúde, no ambiente escolar?; 5) Na sua disciplina, possui alguma(s) habilidade(s) (conteúdos) que você desenvolva, relacionados à saúde? Qual(is)?; e 6) Você acha importante questões sobre saúde serem trabalhadas na escola? Por quê?

Resultados e Discussão

Perfil e atuação profissional dos participantes

Do total de 8 professores dos anos finais do ensino fundamental, 6 responderam ao questionário. O perfil dos participantes está caracterizado no Quadro 1. Os professores integrantes da pesquisa foram identificados como P1, P2, P3, P4, P5 e P6, com a finalidade de preservar suas identidades.

Quadro 1: Perfil dos Participantes

Identificação	Disciplina	Formação	Tempo de docência (em anos)	Carga horária de trabalho (semanal)
P1	Educação Física	Licenciatura e Especialização.	6	20
P2	Língua Inglesa	Licenciatura e Especialização.	12	40
P3	Língua Portuguesa	Licenciatura, Especialização, mestrado e Doutorado.	19	40
P4	Matemática	Licenciatura e Especialização.	12	40
P5	Geografia	Licenciatura, Especialização, mestrado e Doutorado.	11	60
P6	História	Licenciatura e Especialização.	10	40

Fonte: Elaborado pelos autores.

As respostas às questões relacionadas ao perfil e à atuação profissional resultam em um grupo em sua maioria do gênero feminino (83,3%) e com a média de idade entre 31 a 40 anos (66,7%). Percebe-se que a carga horária de trabalho dos profissionais é bem extensa, pelo fato de atuarem em mais de uma escola. Os participantes P3, P4 e P5 desenvolvem suas atividades nas redes municipal e estadual. O P1 atua somente no município, já o P2 trabalha em uma escola da rede municipal de Santa Maria e em uma da rede municipal de Silveira Martins/RS. O P6 trabalha na rede municipal e na rede particular. Nota-se, aqui, a realidade da maioria dos professores brasileiros, que necessitam desdobrar-se entre várias escolas/redes.

Esse fato é evidente na pesquisa realizada por Moriconi et al. (2021), que buscou comparar o volume de trabalho de professores dos anos finais do ensino fundamental entre Brasil e Estados Unidos, França e Japão. Enquanto os professores dos três últimos países lecionam, via de regra, em apenas uma escola de uma rede, no nosso país, 45% dos professores atuam em mais de uma escola e 30% em mais de uma rede. A pesquisa ressalta que, no Brasil, os professores acumulam horas de trabalho e se responsabilizam por mais salas de aula, o que não corre nos outros países, escancarando a necessidade de uma mudança de paradigma. Segundo os pesquisadores, o professor deve deixar de ser provedor de aulas nas redes e se tornar professor de uma única escola, em uma única etapa de ensino, dedicando-se exclusivamente ao cargo.

Percepções dos participantes

Uma das perguntas do questionário aplicado aos professores foi: “Para você, o que é saúde?”. Buscamos, assim, compreender as percepções que os docentes têm sobre a temática. A partir da análise de conteúdo, as percepções foram classificadas em três categorias, as quais estão dispostas na Tabela 1. Ao verificarmos as percepções dos docentes, identificamos que, para 33,33% deles, a saúde está ligada à ausência de doenças, concepção associada à categoria biomédica. As respostas de 50% dos participantes remetem à saúde como um estado de bem-estar físico e mental, encaixando-se na categoria biopsicológica. Outros 16,66% dos participantes compreendem a saúde agregada a aspectos mais amplos, compondo a categoria biopsicossocial.

Tabela 1: Categorização das Percepções

Categorias	Percepções dos professores
Biomédica (33,33%)	<i>Não ter doenças e estar bem (P4).</i> <i>Saúde é o bem-estar diário, livre de qualquer patologia (P3).</i>
Biopsicológica (50,00%)	<i>Condições físicas e psíquicas saudáveis, que não impeçam a realização de nenhuma atividade laboral ou de lazer, além de boa disposição e ausência de dores corporais (P6).</i> <i>Para mim, ter Saúde é ter condições físicas, mentais e emocionais em equilíbrio para realizar minhas atividades (P1).</i> <i>É o equilíbrio entre o estado do corpo físico (orgânico) e espiritual (P2).</i>
Biopsicossocial (16,66%)	<i>No meu entendimento, envolve o bem-estar físico e psíquico, para isso, o indivíduo precisa ter boas condições socioeconômicas para viver com dignidade. Quer dizer que o bem-estar social de uma população está diretamente relacionado à saúde (P5).</i>

Fonte: Elaborado pelos autores.

Ao analisarmos as percepções dos professores, temos o entendimento de que a saúde é compreendida num sentido mais amplo e não somente reduzida à concepção da ausência de doença. Borges et al. (2006) define que, na prática educativa em saúde, é salutar que os profissionais se engajem no desenvolvimento de ações educativas que superem o modelo biológico, possibilitando discussões que contemplem as perspectivas físicas, psicológicas, emocionais, culturais e sociais, evitando, com isso, o reducionismo biológico.

Menezes et al. (2020) afirmam que compreender as concepções de saúde que permeiam o ambiente escolar, advindas dos conceitos elaborados pelos educadores e demais profissionais que ali atuam, pode favorecer o entendimento das ações desenvolvidas nesse contexto. Assim, 66,7% dos docentes afirmam que desenvolvem atividades relacionadas à saúde nas suas áreas/disciplinas. Já 50% dos docentes afirmam que, nas instituições em que atuam, atividades relacionadas à saúde são desenvolvidas. Paes e Paixão (2016) defendem que todas as escolas podem trabalhar a Educação em Saúde, visando a sua promoção em todos os níveis. Complementarmente, Ribeiro e Messias (2016) salientam que o processo educativo em saúde na escola deve ser uma ação contínua e permanente. Portanto, é fundamental que as instituições escolares oportunizem espaços para discussões de temas referentes à saúde.

Mas, para que tal fato ocorra no ambiente escolar, é essencial a capacitação dos professores. Nesse sentido, defendemos o desenvolvimento de políticas públicas que visem a formação dos profissionais da área em ES. Segundo Couto (2016), com um papel de multiplicador de ideias, os professores devem estar capacitados para abordar o conceito de saúde, através do domínio de informações e de estratégias educativas necessárias para a construção integrada do conhecimento.

Quanto à formação em ES, existe a necessidade de desenvolvimento de competências específicas, tais como o conhecimento dos determinantes da saúde, o conhecimento de teorias e modelos de educação e de promoção da saúde, o conhecimento dos estudantes e suas características, habilidades de comunicação, ter pensamento ético, atuar como professor pesquisador e ter disposição para participar de ações de promoção da saúde na escola e na comunidade (MOYNIHAN, 2015).

Percebemos que ainda existe um hiato quanto à formação continuada em saúde. Todos os participantes desta pesquisa afirmaram que nunca receberam formação específica direcionada à temática em questão. A falta ou a ineficácia de formação continuada faz com que o professor considere-se incapaz de desenvolver atividades de ES. Esse fato, aliado às incompreensões e confusões sobre o papel da escola nas atividades de ES escolar, motivam ações dos profissionais de saúde que adentram a escola por iniciativa própria de sua área ou convidados pelos professores (VENTURI; MOHR, 2013).

O investimento na formação continuada de professores, entre outros aspectos, demonstra a valorização e o reconhecimento da importância do papel social destes na escola e da busca por uma atuação qualificada. Essa qualificação torna-se cada vez mais relevante, pois espera-se que os professores atuem como agentes de mudança, respondendo aos desafios contemporâneos (FERREIRA; NUNES, 2019). Acreditamos que a formação continuada em ES deva possibilitar mecanismos para a reflexão, debates, compartilhamentos e desconstruções de ideias preestabelecidas, com o objetivo de qualificar a prática docente e a ampliação de saberes. Para Medeiros et al. (2021), no âmbito das capacitações docentes, as estratégias de educação continuada proporcionam movimentos reflexivos, o que, na prática, contribui para uma

formação docente crítica, que responda aos desafios impostos pela atual sociedade.

A reflexão e a criticidade, em nossa visão, são os alicerces para a formação continuada em ES. O professor necessita refletir sobre suas ações, concepções e sobre o contexto no qual está inserido. Bezerra e Randau (2022) destacam que a ES vem se firmando como um instrumento da promoção da saúde, cuja prática tem sido gradativamente operacionalizada pelo diálogo, o engajamento dos atores envolvidos, e o exercício da reflexão crítica para a resolução de problemas individuais e coletivos presentes no cotidiano. Freire (2011) ressalta que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática.

Nesse cenário, o professor deve ter o necessário conhecimento do conjunto de saberes que envolvem as epistemologias que fundamentam o ato de aprender, além de habilidades e competências sobre a mediação pedagógica no processo de ensinar, possibilitando ao estudante que aquilo que ele faz hoje com a ajuda do professor, possa fazer amanhã, sozinho (PIMENTEL, 2012). As estratégias de ensino precisam ser constantemente revisitadas pelo professor, buscando encontrar os caminhos mais favoráveis à socialização das questões de saúde e à construção dos saberes em saúde que conduzam os aprendizes ao exercício da autonomia e do desenvolvimento de habilidades para a tomada de decisões autênticas (BEZERRA; RANDAU, 2022). Sendo assim, os participantes deste estudo descreveram as habilidades relacionadas à saúde que desenvolvem em suas práticas, as quais estão especificadas no Quadro 2.

Quadro 2: Habilidades desenvolvidas por áreas do conhecimento

Área do conhecimento	Habilidade
Língua inglesa	<i>Produtos de higiene pessoal e os nomes das doenças mais comuns.</i>
Educação física	<i>Jogos e brincadeiras, esportes, práticas corporais de aventura, lutas e ginástica.</i>
História	<i>Aspectos das pandemias ao longo do tempo.</i>
Geografia	<i>Temas ambientais; processo de contaminação da água, dos alimentos, do solo, do ar, etc. e como essas contaminações podem ser prejudiciais à saúde do homem, dos animais e das plantas.</i>

Fonte: Elaborado pelos autores.

Notamos que as habilidades descritas pelos professores partem de um aspecto mais simples, como, por exemplo, aprender o nome dos objetos em inglês, chegando a uma perspectiva mais ampla, como, por exemplo, o entendimento das consequências de uma eventual contaminação. Habilidade esta, que pode ser contextualizada e abordada de forma interdisciplinar, oportunizando a integração das diversas áreas do conhecimento, além da inserção de novas estratégias e recursos didáticos. Ribeiro e Messias (2016) destacam a relevância do ato de repensar as práticas docentes pedagógicas adotadas, de modo a atender cada vez melhor as

necessidades dos sujeitos envolvidos.

Na visão de Costa (2021) é fundamental garantir aos estudantes o desenvolvimento de competências e de habilidades relativas aos seus processos de reflexão e de abstração, que deem sustentação a modos de pensar criativos, analíticos, indutivos, dedutivos e sistêmicos, e que favoreçam a tomada de decisões orientadas pela ética e pelo bem comum. Desse modo, entender a ES como um processo político-pedagógico requer a inserção de práticas que conduzam o estudante ao desenvolvimento de um pensar crítico e reflexivo.

Gavidia (2003) aponta que há, portanto, um consenso sobre o importante papel das ações de promoção de saúde e Educação em Saúde desenvolvidas nas escolas, com o intuito de garantir a formação integral dos estudantes. Partilhando desta constatação, todos os docentes participantes desta pesquisa responderam que, no ambiente escolar, é importantíssima a abordagem de questões relacionadas à saúde. Como registrado por um dos participantes:

Sim, porque saúde e educação, no meu ponto de vista são conceitos que se relacionam, estão vinculados. Para que eu entenda sobre saúde preciso de conhecimentos e estes podem e devem ser mediados no ambiente escolar [P1].

Schall (2018) reforça esse fato e defende que a ES contribui para a promoção de saúde, a construção da cidadania e o comprometimento com a transformação social dos alunos. Isso vai de encontro com a seguinte concepção relatada por outro participante:

Primeiro para auxiliar no trabalho de prevenção às doenças mais comuns e mais graves que afetam a sociedade, contribuindo para a disseminação de informações importantes para nossos alunos e famílias. Segundo, porque é importante para a mudança de hábitos e posturas de todos nós frente a necessidade de aprender a cuidar mais de si e da própria saúde. Terceiro, porque acredito que seja papel de todo o educador estar preparado para orientar os estudantes sobre questões variadas, às quais muitas vezes causam curiosidade, angústia, etc. e que podemos contribuir para a formação de adultos mais informados e preparados [P6].

A Educação em Saúde deve ser concebida como um compromisso coletivo envolvendo atores distintos (LIMA, MALACARNE, STRIEDER, 2012). O processo educativo em saúde almejado e defendido busca concentrar-se em ações de promoção da saúde que adotem mecanismos de estímulo ao engajamento e participação social, visando a reflexão de questões atreladas à saúde que gere ação positiva individual e coletiva, em busca da qualidade de vida (BEZERRA; RANDAU, 2022).

Através da percepção dos docentes, conseguimos compreender que saberes relacionados à saúde estão sendo incorporados ao ambiente escolar. Entendemos que algumas ações possam ser pontuais, tímidas, sem problematizações ou reflexões, mas devemos levar em conta que os docentes não possuem nenhuma qualificação para tratar sobre a temática em questão. Assim, suas incursões partem de seu próprio entendimento, quando há necessidade de serem abordadas.

A partir do exposto, entendemos que o educador é essencial para sociabilizar conhecimentos associados à saúde. Em conformidade, Taddei (2006) acrescenta que o professor é agente multiplicador do processo educativo para a saúde, tanto na atenção individual quanto coletiva

dos educandos.

Considerações Finais

Compreender as percepções dos professores sobre a ES é fundamental para pensarmos em estratégias para qualificar a inserção deste tema no espaço escolar, de maneira significativa e reflexiva. Assim, identificamos que o fato de os professores terem consciência da importância da inclusão de temas associados à saúde na escola é um ponto positivo, pois é por meio deles que as ações se materializam. Eles são o elo entre a transposição dos saberes sistematizados no currículo e a sua efetivação na sala de aula.

Entendemos que o professor, enquanto referencial para o estudante, deve estar apto a sanar qualquer dúvida ou curiosidade que venha a surgir no decurso da aprendizagem. Devido a isso, faz-se necessário que estes tenham acesso a explicações e a orientações corretas. Daí a importância de se pensar em políticas de formação continuada na área de ES para que seja possível qualificar os docentes para abordar a temática, e, principalmente, garantir espaços para a discussão e a sistematização de metodologias voltadas à saúde no ambiente escolar.

Buscamos, com este estudo, problematizar o modo como os professores percebem a saúde e como a temática vem sendo abordada no ambiente escolar. Esperamos que os resultados estimulem reflexões e forneçam subsídios para futuros estudos que venham a contribuir para a área de ES.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 70 Ed. Lisboa, 2016.

BEZERRA, M. L. DE M. B.; RANDAU, K. P. Infecções Sexualmente Transmissíveis na Perspectiva da Prática Educativa em Saúde de Professores. **Ensino, Saúde E Ambiente**, v. 15, n. 1, p. 155-174, 2022.

BORGES, A. L. V.; NICHATA, L. Y. I.; SCHOR, N. Conversando sobre sexo: a rede sociofamiliar como base de promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes. **Revista Latino-americana Enfermagem**, v. 14, n. 3, p. 422-427, 2006.

CARDOSO, V.; REIS, A. P.; IERVOLINO, S. A. Escolas Promotoras de Saúde. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v. 18, n. 2, p. 107-115, 2008.

COSTA, M. S.; ERICEIRA, T. B.; NUNES, C. B. O currículo de Matemática do Ensino Médio sob a luz da BNCC: reflexões acerca das competências e habilidades a serem desenvolvidas pelos alunos. **Pesquisa e Debate Em Educação**, v. 11, n. 1, p. 1-19, 2021.

COSTA, V. V. Educação e Saúde. **Unisa Digital**, p. 7-9, 2012.

COUTO, A. N. O ambiente escolar e as ações de promoção da saúde. **Cinergis**, Santa Cruz do Sul, v. 17, n. 4, p. 378-383, out./nov. 2016.

FERREIRA, R. M. F.; NUNES, A. C. P. A formação contínua no desenvolvimento de competências do professor de enfermagem. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 40, e20180171. doi: 10.1590/1983-1447.2019.20180171, 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Editora Paz e Terra LTDA, 2011.

GAVIDIA, V. La educación para la salud em los manuales escolares españoles. **Rev. Esp. Salud Pública**, v. 77, n. 2, p. 275-285, 2003.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Censo Escolar**, 2021. Brasília: MEC, 2021. Disponível em: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultado.seam?cid=1054741>. Acesso em: 10 abr. 2021.

LIMA, D. F.; MALACARNE, V.; STRIEDER, D. M. O papel da escola na promoção da saúde - Uma mediação necessária. **EccoS Revista Científica**, n. 28, p. 191-206, 2012.

MACHADO, M. F. A. S.; MONTEIRO, E. M. L. M.; QUEIROZ, D. T.; VIEIRA, N. F. C.; BARROSO, M. G. T. Integralidade, formação de saúde, educação em saúde e as propostas do SUS – uma revisão conceitual. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 12, n. 2, p. 335-342, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232007000200009>. Acesso em: 27 jan. 2023.

MACIEL, M. E. D. Educação em Saúde: Conceitos e propósitos. **Cogitare Enfermagem**, v. 14, n. 4, p. 773-776, 2009.

MEDEIROS, R. O.; HIGA, E. F. R.; MARIN, M. J. S.; LAZARINI, C. A.; LEMES, M. A. Formação continuada de professores na graduação em saúde. **Revista de Educação a Distância e Elearning**, v. 4, n. 1, mar. 2021.

MENEZES, K. M.; RODRIGUES, C. B. C.; CANDITO, V.; SOARES, F. A. A. A pesquisa como articuladora das práticas pedagógicas: contribuições de um processo formativo. **Revista Inter Ação**, v. 45, n. 3, p. 856-873, 2020.

MONT'ALVERNE, D.; CATRIB, A. M. Promoção da saúde e as escolas: como avançar. **Revista Brasileira de Promoção da Saúde**, v. 26, n. 3, p. 307-308, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.5020/2924>. Acesso em: 27 jan. 2023.

MORICONI, G. M.; GIMENES, N. A. S.; LEME, L.F. Volume de trabalho dos professores merece atenção no Brasil. **Nexo Políticas Públicas**, São Paulo, dez. 2021. Disponível em: <https://pp.nexojournal.com.br/ponto-de-vista/2021/Volume-de-trabalho-dos-professores-merece-aten%C3%A7%C3%A3o-no-Brasil>. Acesso em: 06 jan. 2023.

MOYNIHAN, S. Teacher competencies in health education: results of a Delphi study. **PLoS one**. v. 10, n. 12, 2015.

PAES, C. C. D. C.; PAIXÃO, A. N. P. A importância da abordagem da educação em saúde: revisão de literatura. **REVASF**, Petrolina-PE, v. 6, n. 11, p. 80-90, dez. 2016.

PIMENTEL, S. C. Formação de professores para a inclusão: Saberes necessários e percursos formativos. In: MIRANDA, T. G.; GALVAO FILHO, T. A. **O professor e a Educação Inclusiva: formação, práticas e lugares**. Salvador: EDUFBA, 2012.

RIBEIRO V. T.; MESSIAS, C. M. O. A educação em saúde no ambiente escolar: um convite à reflexão. **Impulso**, v. 26, n. 67, p. 39-52, 2016.

SCHALL, V. T. **Educação em saúde no contexto brasileiro: influência sócio-históricas e tendências atuais**. In: MONTEIRO, Simone; PIMENTA, Denise Nacif (Org.). *Ciência, saúde e educação: o legado de Virgínia Schall*. Rio de Janeiro: Fiocruz, p. 93-120, 2018.

TADDEI, J. A. A. C. **Manual creche eficiente: guia prático para educadores e gerentes**. São Paulo: Manole, 2006.

VENTURI, T.; MOHR, A. Fundamentos e objetivos da educação em saúde na escola: contribuições do conceito de alfabetização científica. **Anais do IX Congresso internacional sobre investigación en didáctica de las ciencias**, 2013.